

doc  
CA1  
EA912  
H51  
POR  
1992 no.  
34

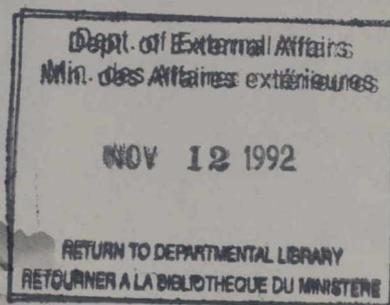
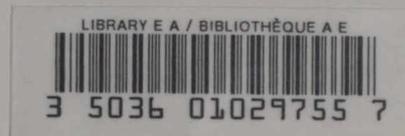
# hoje Canadá



ANO X

Nº 34

## POVOS INDÍGENAS: O DESAFIO DO FUTURO



### DEBATE ABRE PORTAS PARA O SÉCULO XXI

O Canadá está mudando de cara. Toda a população foi chamada a escolher um novo modelo para o país. E opta-se por uma sociedade onde os povos autóctones sejam autônomos e vivam em maior equilíbrio com seus irmãos canadenses. A Constituição do Canadá sendo reformada e abrindo as portas para o século XXI.

### O CANADÁ VIVE O INÍCIO DE UMA NOVA ERA

Uma nova realidade está se abrindo para os povos autóctones do Canadá. Lado a lado com o Governo Federal, Índios, Inuit e Metis buscam fórmulas que permitam uma maior independência para os indígenas e maior equilíbrio social para todo o país. Uma nova era se abre para os canadenses.

### A ARTE QUE VEIO DO FRIO NA RIO-92

“Minha terra é minha vida”, dizem os Inuit. E dessa terra fazem sua arte. A exposição “Masters of the Arctic-Mestres do Ártico” trará o frio e delicado talento dos povos que vieram do Polo Norte para mostrar ao mundo, durante a Rio-92, a realidade daqueles que amam sua terra e fazem dela motivo de inspiração.



# EDITORIAL

*William L. Clarke*

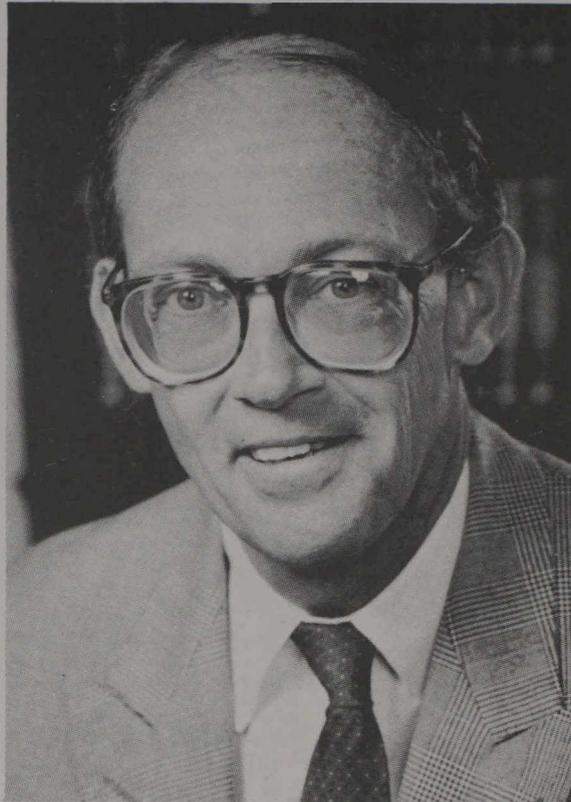
Embaixador

**E**m pleno processo de reforma constitucional, nosso país atravessa, atualmente, um período extremamente importante de sua história. De fato, não há discussão mais acalorada, mais emotiva e delicada do que a renegociação do contrato que une os cidadãos e as instituições de um mesmo país. Mas esta é também uma ocasião privilegiada para adaptar esse novo contrato às realidades de um país que festeja, esse ano, os 125 anos da formação de sua confederação. Esta é uma ocasião única para reparar

os erros do passado modificar situações que, apropriadas no passado, são inaceitáveis no presente. E é um dever das autoridades canadenses atuais, respaldadas pela população, de redefinir as novas bases, novas relações sadias e equilibradas entre os diferentes segmentos da sociedade canadense.

No centro deste importante debate constitucional surge um grande desafio: a questão autóctone; o lugar das "Primeiras Nações" na vida de nosso país. Afinal, foram as nações autóctones da América que acolheram os primeiros imigrantes e, juntos, apesar de alguns conflitos, todos contribuíram à sua maneira no desenvolvimento do que hoje somos. Acredito, pessoalmente, que chegou a hora para que nós, canadenses, reconheçamos a importância das contribuições desses povos, tão ricos em história e cultura, parceiros mais do que nunca do futuro do Canadá.

Hoje em dia, os autóctones canadenses gerem, cada vez mais, seus próprios interesses. Eles participam ativamente da gestão de programas governamentais que objetivam a melhoria de sua condição de vida e da preservação de suas culturas ancestrais. Uma Comissão Real foi formada em setembro de 1991 para estudar a situação sócio-econômica e cultural dos povos autóctones do Canadá e apresentar recomendações precisas ao



Governo Federal. Esta comissão é presidida pelo Sr. George Erasmus, antigo chefe nacional da Assembléia das Primeiras Nações, principal organismo de representação dos grupos indígenas de todo o país. Embora a situação dos povos indígenas tenha conhecido significativas melhoras nos últimos anos, é indispensável que ela continue a evoluir. Os tempos mudam e as mentalidades evoluem. Somente essas mudanças possibilitarão a concretização, entre autóctones e canadenses, de uma relação baseada na

dignidade, no respeito mútuo e na independência econômica. Nesse contexto, as proposições constitucionais que o governo canadense acaba de apresentar à população visam, exatamente, fortificar os laços de uma sociedade mais justa e igualitária onde cada um tenha seu lugar. Pois sem esse lugar no seio da grande família canadense, torna-se impossível para o indivíduo, independente de sua origem, contribuir com o melhor de si mesmo na construção de nosso grande país.

É nesse contexto, portanto, que consagramos aqui um número completo à discussão da situação dos autóctones canadenses. O Canadá e o Brasil compartilham, assim, desse traço suplementar de suas respectivas identidades. Vejo na importância dispensada ao reconhecimento dos povos autóctones as bases de uma cooperação crescente. Além disso, penso que os autóctones do Canadá têm muito a compartilhar com os autóctones brasileiros, da mesma forma que as experiências dos povos indígenas brasileiros merecem mesma atenção dos autóctones canadenses. De uma forma mais abrangente, acredito, igualmente, que esse intercâmbio seja benéfico para ambos os povos em seu conjunto. Nós lhes apresentamos aqui uma introdução, talvez um primeiro contato com as "Primeiras Nações" do Canadá numa rápida abordagem de sua história, sua cultura e dos intercâmbios já existentes com seus irmãos brasileiros.



## CARTA AO LEITOR

O atual número da "Canadá Hoje" traz um dos assuntos que suscitam os maiores debates por todo o planeta: a questão dos povos indígenas. Durante séculos eles estiveram, nas mais diversas partes do mundo, a reboque da história oficial. Aculturados, tiveram seus valores tradicionais aviltados. Tutelados, perderam o direito sobre terras ancestrais. Mas a recente preocupação com o meio ambiente, por parte das nações desenvolvidas e em desenvolvimento, trouxe a problemática indígena de volta para o centro das atenções. Eles voltam a ser respeitados como povos com direito a sua própria cultura, sua tradição e suas terras e donos de grande experiência e conhecimento na gestão do meio ambiente, um trabalho contínuo de desenvolvimento sustentado.

A experiência canadense é um exemplo interessante nesse contexto. O próprio nome do país, **Canadá**, uma palavra de origem indígena que significa cidade ou lugarejo, é um exemplo da influência dos povos aborígenes na formação do país. Atualmente, esses povos voltam a ocupar um lugar de destaque dentro da sociedade canadense graças a um processo de conscientização e lutas e à sensibilidade das autoridades canadenses. Historicamente ligados a suas terras, eles estão reconquistando o direito legal de existirem enquanto povos independentes, membros de uma grande nação, e respeitados por suas diferenças.

O trabalho que as autoridades vêm realizando junto a seus aborígenes é um modelo que todos os cidadãos estão escolhendo para entrar no século XXI. Novas relações caracterizadas pelo respeito mútuo, estão sendo criadas no Canadá. E boa parte do que vem ocorrendo no país será abordado nesta edição. Tendo como pano de fundo o debate em torno da reforma de lei maior do país, sua constituição, vamos conhecer um pouco dos povos indígenas canadenses, sua história e o caminho que percorreram até aqui além das possibilidades reservadas para o futuro.

A não utilização da palavra esquimó, nessa edição é conseqüência do respeito que consagramos a esse ancestral que a considera pejorativa.

# A AUTONOMIA JÁ É UMA REALIDADE

O mapa do Canadá, a segunda maior nação do planeta em superfície, está sendo redesenhado com a criação da reserva autônoma de Nunavut no norte do país. Em língua Inuit, Nunavut, que significa "Terra do Povo", irá abranger um território de 1,976 milhão de quilômetros quadrados. Pelo acordo assinado pelas autoridades canadenses e líderes Inuit a nova reserva beneficiará 17 mil indivíduos e abrangerá 20% de todo o território do país. Comparativamente, a reserva Ianomami criada pelo governo brasileiro na fronteira com a Venezuela abrange pouco mais de 1% do território nacional.

Pelo acordo, os Inuit terão o direito de governar e explorar tudo o que for produzido em um sexto de todo o território Nunavut. No restante da reserva, a comunidade receberá 5% dos lucros da exploração de riquezas naturais. O Governo do Canadá se comprometeu, ainda, a pagar uma indenização de um bilhão de dólares canadenses ao longo dos próximos 14 anos. Em troca, os Inuit desistirão de todas as ações legais movidas por grupos indígenas contra o governo canadense por motivos territoriais.

A comunidade Inuit confirmará as fronteiras de Nunavut através de um plebiscito. A etapa seguinte será a aprovação do acor-



do pelo Parlamento canadense. Segundo o Ministro de Assuntos Indígenas e do Norte Canadense, Thomas Siddon, o acordo "é uma nova parceria entre os Inuit do leste ártico e o povo canadense". As autoridades canadenses acreditam que com o fim das pendências jurídicas, que criavam obstáculos para um bom entendimento com os povos indígenas, uma nova era de diálogo será estabelecida entre ambas as partes.

## UMA AVANT-PREMIÈRE DA RIO-92

Os povos indígenas do Canadá vão invadir o Rio de Janeiro em maio. Mas eles não vêm em missão de guerra. Chegam ao Brasil através da mostra de vídeos "Primeiras Nações: Uma Longa Caminhada pelo Gelo" que será exibida no Centro Cultural do Banco do Brasil entre os dias 19 e 24 de maio. Eles mostrarão um pouco de sua história e dos desafios que enfren-

taram desde que eram denominados as "Primeiras Nações" do Canadá. Paralela à realização do "Parlamento dos Povos Indígenas" que trará a capital carioca representantes aborígenes de todo o mundo, a mostra de vídeos contará com a presença daqueles que estarão na tela. Presentes na platéia, tornarão o debate mais rico e esclarecedor.

### EXPEDIENTE

Editorial	2
Carta ao Leitor	
A Autonomia já é uma realidade	
Uma Avant Première da Rio 92	3
A Consciência que Leva à Cooperação	4
Novos Rumos para os Povos Indígenas	5
A Ajuda que Veio do Frio	6
Fórum Mundial e a Questão Indígena	
A Música que Traz de Volta o Orgulho Inuit: Quando a Arte Imita a Vida Polar	7
	8

**Direção:** Alain Latulippe. **Coordenação Editorial:** Josiane Cotrim Macieira (Assessora de Imprensa-Embaixada do Canadá - Reg. Prof. 2419/09/65v/MG **Redação:** Jair Pereira Barbosa Jr., Alain Latulippe, Maria Cristina Araújo e Assessoria de Comunicação. **Diagramação:** Marcos Lisboa. **Editoração Eletrônica:** Quorum Informática. **Impressão:** Verano Editora Ltda. **Tiragem:** 9 mil exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião do Governo Canadense. As matérias podem ser reproduzidas desde que citada a fonte. A revista Canadá hoje mantém um serviço de assinaturas. Em caso de mudança de endereço, atrasos na entrega, renovação de assinaturas, etc. procure o escritório de Canadá hoje na Embaixada do Canadá, SES, Av. das Nações, lote 16, CEP 70.410, Brasília-DF.



# A CONSCIÊNCIA QUE LEVA À COOPERAÇÃO

Os indígenas canadenses representam hoje pouco mais de 1,8% de toda a população do país. Esse número ainda é pequeno se forem considerados dados históricos que demonstram a existência de grandes nações indígenas no passado quando eles formavam as "Primeiras Nações" do Canadá. Mas dados alentadores começam a delinear uma nova realidade. As taxas de crescimento que vêm sendo registradas por essa população demonstra que o número de habitantes está crescendo em níveis mais elevados do que os do restante dos canadenses. Se entre 1.981 e 1.984 essa taxa se situava em 3%, quatro anos mais tarde ela já atingia 7,1%. As estimativas prevêem que até o ano 2001 os povos indígenas do Canadá representarão 2,1% da população do país.

Essa virada histórica é um reflexo do engajamento político que tem caracterizado as ações dos povos indígenas canadenses, conscientes de seus direitos e ansiosos pelo reconhecimento dos mesmos. Atualmente no Canadá existem mais de 2.300 reservas indígenas que ocupam uma área superior a 10 mil quilômetros quadrados, uma superfície quase tão vasta quanto a que ocupa a Bélgica. 60% dos indígenas registrados junto ao Ministério de Assuntos Indígenas e do Noroeste Canadense - o correspondente canadense da FUNAI - vivem dentro de áreas de reservas. Esses povos estão conhecendo um processo dinâmico de resgate cultural. Estão demonstrando, através de suas ações, o orgulho de serem indígenas, algo anterior à cidadania canadense dentro de seu processo histórico.

Os registros do Ministério de Assuntos Indígenas e do Norte Canadense contam com 505 mil índios inscritos, 30 mil Inuit e 157 mil Metis. Entre os índios são conhecidos atualmente 600 grupos compostos em média por 700 indivíduos cada um. No que se refere a cultura, o território canadense abriga seis regiões culturais distintas espalhadas por todo o país. Já os Inuit, que falam a língua que leva o mesmo nome, concentram-se na região Norte do país, na área dos territórios do Noroeste, Norte do Labrador e Noroeste do Quebec. Os Metis, descendentes, dos colonizadores europeus e índios também são reconhecidos e têm status especial.

Grande parte dessa população fala a língua Meshif.

Embora os níveis de escolaridade, habitação, expectativa de vida e condições sanitárias ainda estejam aquém daqueles registrados para a população canadense em geral, melhoras significativas foram constatadas ao longo das últimas décadas. Sobre tudo a partir da década de 60 quando as comunidades começaram a assumir a responsabilidade pela administração de diversos programas e serviços a elas



destinados pelo Governo Federal.

Na área de educação, a integração das línguas, culturas e das tradições indígenas aos programas escolares é um dos principais fatores do melhor desempenho registrado por membros das comunidades nesse período. No final de 1990, o número de indígenas com acesso a estudos técnicos e superior atingia mais de 18 mil indivíduos contra poucas centenas no início dos anos 60. Um crédito suplementar para atender a pedidos de bolsas, no valor de 320 milhões de dólares canadenses está previsto para os próximos cinco anos, embora já estivessem alocados pelo governo 1,1 bilhão de dólares canadenses para a área de educação em geral. Trezentas escolas localizadas dentro das reservas passaram nos últimos anos a serem geridas diretamente pelas comunidades, atendendo a 40% de todos os membros em idade escolar.

No campo da saúde pública, a garantia de acesso de todos os indígenas à assistência médico-dentária gratuita se traduziu em um aumento da expectativa de vida dos membros das comunidades. Embora ainda inferior a média nacional canadense de 73 anos para homens e 79,7 anos para mulheres, entre os anos de 1978 e 1985 os indígenas passaram a viver mais. Para os homens indígenas essa taxa passou de 61,6 para 64,9 anos e de 68,9 para 72,8 anos para mulheres. A prevenção e o tratamento de doenças infecciosas traduziram-se numa melhoria da qualidade de vida desses povos.

Num trabalho conjugado, as autoridades canadenses realizam investimentos na área de infra-estrutura, como abastecimento de água e esgotos. Em março de 1991 foram destinados 275 milhões de dólares canadenses para esses projetos. Sua administração também vem sendo gradativamente transferida para os próprios indígenas.

## DESENVOLVIMENTO DOS POVOS INDÍGENAS

A nova fase de desenvolvimento dos povos indígenas pode ser constatada através de numerosos programas e iniciativas do Governo Federal canadense a eles destinados. Abandonadas as tendas do passado, feitas com couro de animais, os indígenas canadenses vivem hoje consideráveis melhoras na área de habitação. Anualmente, 93 milhões de dólares canadenses são destinados para subvenção de programas habitacionais. Cerca de 30% das residências localizadas dentro de reservas foram construídas nos últimos seis anos. Foram erguidas 2.400 novas casas e realizados três mil projetos de renovação de residências nas reservas através de dotações repassadas diretamente aos grupos. Esse subsídio permitiu a reintegração de grande número de indígenas que até então permane-

ciam à margem do reconhecimento legal pelo governo do Canadá. Essa reintegração aconteceu graças a modificações realizadas na "Lei dos Povos Indígenas" através de um projeto de lei que aboliu discriminações históricas.

A adoção de um programa denominado Estratégia Canadense para o Desenvolvimento Econômico dos Povos Indígenas (SCDEA), anunciado em julho de 1989, destinou 1,5 bilhão de dólares canadenses aos programas que incentivam uma maior autonomia econômica dos indígenas. Essa iniciativa está permitindo a Índios e Inuit assumirem integralmente a direção de seus próprios programas econômicos em todas as suas etapas, além de proporcionar uma crescente independência econômica.

No início dos anos 60 as poucas atividades econômicas rentáveis desses povos se limitavam a explorações agrícolas familiares e pequenos negócios. Atualmente são registradas mais de 60 mil empresas indígenas, a maior parte situada dentro das reservas. O auxílio foi oferecido em todos os setores, desde o financiamento de atividades de exploração econômica até serviços de consulta a ajuda jurídica. Foi adotada, ainda, uma estratégia de emprego e de formação profissional que recebeu uma dotação de 200 milhões de dólares canadenses. Uma ajuda econômica destinada exclusivamente às mulheres, no valor de 840 mil dólares canadenses, reconheceu a importância da mulher indígena dentro das comunidades.



## NOVOS RUMOS PARA OS POVOS INDÍGENAS

O governo do Canadá vem dando ao mundo um grande exemplo com a escolha do modelo que irá caracterizar sua sociedade no século XXI. Através de um amplo processo de reforma constitucional, em curso no país, está sendo discutida a concessão de autonomia política aos povos autóctones canadenses e o estabelecimento de novas relações entre todos os cidadãos que compõem a sociedade. Um retorno a uma situação existente antes da promulgação da primeira Constituição do país, que data de 1867, quando os povos indígenas, hoje conhecidos como as "Primeiras Nações", desfrutavam da liberdade de definirem seus próprios destinos. Uma nova leitura de antigas páginas da história. Essa reforma ainda deverá ser apreciada pelo Parlamento do Canadá mas desde já abre as portas de um futuro promissor, onde a solidariedade e a convivência harmoniosa deverão substituir o atual modelo de relacionamento entre as partes.

Todo esse processo prevê, no seu bojo, a revisão ou mesmo a revogação da primeira "Lei dos Povos Indígenas", de 1876, que atribuiu plenos poderes ao governo constituído sobre a vida e as terras indígenas. Até a metade do século XX, esse documento legal serviu, principalmente, para manter os povos autóctones sob a tutela governamental. O primeiro passo em direção à mudanças significativas, no entanto, só foram concretizadas a partir do final da década de 60 com a publicação do Livro Branco que pretendia favorecer a participação autóctone dentro da sociedade. Chegou a ser proposta a revogação da "Lei dos Povos Indígenas" mas esse documento foi massivamente rejeitado pelos maiores interessados.

As mudanças substantivas começaram a ser delineadas a partir da revisão constitucional de 1982. Nesse processo, foram reconhecidas a existência de três grupos distintos entre os autóctones canadenses: índios, Inuit e Metis. Foi abordado, também, a questão



dos direitos ancestrais e os oriundos de tratados firmados anteriormente, conforme prevê o artigo 35 da Constituição. Outro artigo que faz referência à questão indígena é o de número 25 que estipula que os direitos e liberdades garantidas pela "Carta Canadense dos Direitos e Liberdades" não podem se sobrepor aos direitos e liberdades, ancestrais ou oriundas de tratados, dos povos autóctones do Canadá.

Diante de tais iniciativas começaram a cair por terra uma série de medidas discriminatórias. A possibilidade dos autóctones disporem do status de indígena, o que representa uma série de benefícios legais como acesso a programas governamentais nas áreas de saúde, de educação e habitação, foi aberta a todos aqueles que desejassem possuir tal status. Isso aconteceu graças à sensibilidade das autoridades e às lutas das comunidades indígenas, prontas a reivindicarem seu espaço dentro da sociedade. Se antes das modificações a perda do status de indígena ocorria em função da obtenção de um diploma universi-

tário, em troca do direito de voto ou para as mulheres indígenas que se casassem com pessoas de outras etnias, atualmente constata-se uma transformação desse quadro. Os que já nasceram alijados do processo, têm hoje a possibilidade de optarem. Participar ou não da sociedade com o status de indígena é uma escolha que define um modo de vida.

Desde setembro de 1991 o Governo do Canadá vem divulgando uma série de propostas de mudança constitucional. Esse trabalho vem sendo realizado por um Comitê Especial do Parlamento, encarregado de recolher opiniões de todos os segmentos da sociedade canadense sobre a questão indígena. Foram concedidos meios para que os povos autóctones realizassem suas próprias pesquisas. E segundo o ponto de vista dos povos indígenas, a autonomia política aparece como a solução para o futuro. Esse direito, no entanto, deverá ser implantado pelos Tribunais do país dentro de um período de carência estipulado em, no máximo, dez anos a partir da data de existência legal dos acordos.



## A AJUDA QUE VEIO DO FRIO

O apoio do Governo do Canadá à questão indígena no Brasil pode ser expressado, dentre outras formas, pelas contribuições realizadas através do programa Fundo Canadá. Uma de suas principais prioridades no trabalho que vem realizando junto a indígenas brasileiros "é a de auxiliá-los em sua caminhada em direção a uma maior autonomia econômica e cultural. Recursos da ordem de 116 mil dólares canadenses foram alocados, desde 1988, para implementar projetos nas áreas de saúde, agricultura e de incentivo à produção artesanal. A filosofia do Fundo Canadá é fundamentada no apoio a projetos que possibilitem aos indígenas uma melhora na qualidade de vida e no respeito de suas diferenças culturais. A prioridade é dada a pequenos projetos realizados em conjunto com as comunidades de base, através de atividades não predatórias ao meio ambiente, pois foram nesses casos que os melhores resultados foram registrados.

Os primeiros investimentos realizados no Brasil beneficiaram, numa primeira etapa, os membros do Parque Indígena do Xingu, no estado de Mato Grosso. Foram alocados mais de 42 mil dólares canadenses para o programa de energia solar de apoio às ações de saúde. Com a melhoria nos serviços, foi registrada uma ampliação no número de atendimentos nos postos de saúde e na qualidade dos serviços prestados à comunidade.

O combate a doenças infecciosas, uma das principais causas de mortalidade no seio da comunidade indígena, mereceu especial atenção do Fundo Canadá. Um projeto piloto da Tribo Makrara-Khaho, do Tocantins, e um outro grupo da área Xerente, ambos referentes às áreas de saneamento básico e saúde também foram contemplados com recursos financeiros. Após sua implementação foi constatada uma sensível melhora no quadro de resistência orgânica dos membros dessas comunidades.

Manoel Chaves



Preocupadas em incentivar melhoras no nível de vida dos povos indígenas, as autoridades canadenses, através do Fundo Canadá têm dado especial atenção à produção agropecuária, tradicional ocupação de subsistência dos índios brasileiros. Os povos de área Meguêns, em Rondônia, foram beneficiados com a aquisição de equipamentos agrícolas. O objetivo do programa é de promover a introdução da tração animal nas culturas de mandioca para o fabrico de farinha e o aumento dos roçados comunitários.

Outro projeto referente a área agrícola beneficiou as Aldeias da Ilha do Bananal e da região de Morrinhos, em Goiás. Iniciado em março de 1991 com recursos da ordem de mais de cinco mil dólares canadenses, está sendo organizada a atividade agroindustrial de pequeno por-

te e a comercialização dos produtos com a instalação de suas casas de farinha e dois engenhos de cana nas duas aldeias. A implementação do projeto vem cumprindo satisfatoriamente as metas traçadas.

O Fundo Canadá possibilitou à Comissão Pró-Índio do Acre, em conjunto com o Centro de Trabalhadores da Amazônia, a oportunidade de produzir seus próprios manuais de saúde e educação para seringueiros e indígenas. Com a doação de uma impressora off-set e materiais de impressão, os Povos da Floresta (entidade que reúne índios e seringueiros) puderam desenvolver com sucesso o projeto que resultou em apoio para doze escolas com cursos de alfabetização até a quarta série do primeiro grau e seis outros núcleos de alfabetização, para os próprios indígenas.

### MULHER INDÍGENA

O importante papel que a mulher indígena desempenha como agente de mobilização de adultos e jovens no resgate de valores e características tribais mereceu especial atenção do Fundo Canadá. Vinte e cinco mil dólares canadenses foram destinados, através da Associação de Mulheres Indígenas Guarani (Kaiowa e Nhndeva), a projetos de incentivo à produção artesanal, como confecção de

xales, ponchos, colchas e redes produzidas de algodão e lã. Esse material é utilizado pelas famílias e proporciona a geração de uma renda alternativa.

Todo esse trabalho, que beneficiou diretamente duzentas e cinquenta mulheres e cento e cinquenta homens indígenas, representou uma concreta melhora para a comunidade. Vivendo na região do Mato Grosso do Sul,

divididos em 19 aldeias, eles eram confundidos com agricultores sem terra que trabalham como "boias frias" nas grandes propriedades da região. Sem apoio para produzir em suas terras, muitos foram vitimados pelo alcoolismo, pela prostituição e pela tuberculose. Em outubro de 1991 foi liberada a primeira parcela do total previsto, no valor de oito mil dólares canadenses.



# FÓRUM MUNDIAL E A QUESTÃO INDÍGENA

O Governo do Canadá vem desenvolvendo uma série de esforços para que a questão indígena seja amplamente debatida durante a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento - UNCED - 92. A inclusão de representantes indígenas canadenses na delegação oficial que participará do evento, é uma prova da sensibilidade das autoridades com a questão indígena. O vice-presidente do Conselho Nativo do Canadá, Dan Smith, foi convidado a participar da terceira e quarta reuniões preparatórias da Rio 92. Mas essa decisão não se limitou, simplesmente, à parte oficial do grande fórum mundial de debate das questões ambientais.

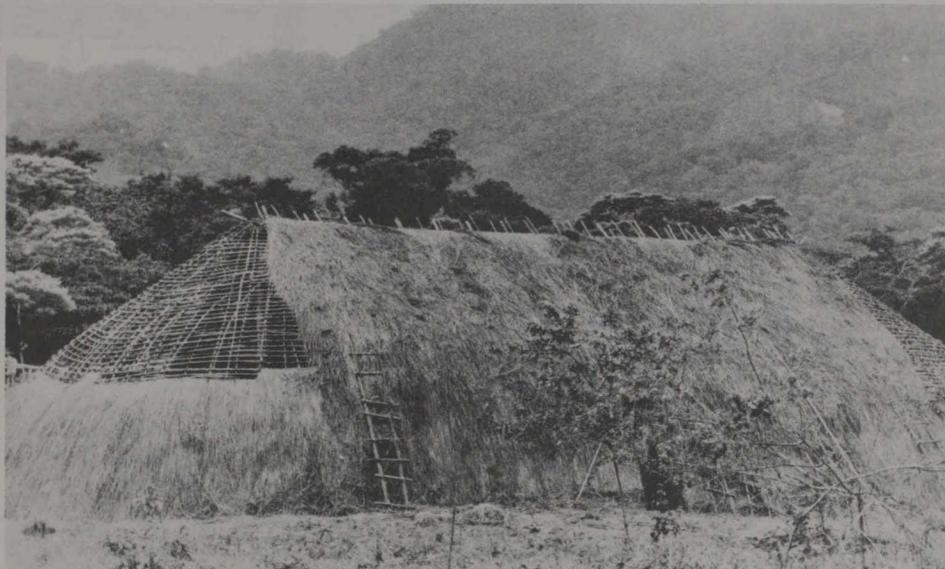
Duas reuniões de consulta foram realizadas, em janeiro de 1992, junto a líderes indígenas. O principal objetivo do encontro foi de fornecer informações sobre os processos e atividades indígenas, tanto na formulação da posição oficial do Governo do Canadá quanto nas atividades paralelas da Conferência. Os povos indígenas canadenses terão, dessa forma, voz ativa nas decisões que forem tomadas oficialmente dentro da UNCED 92 e nos debates paralelos. Poderão prestar importante contribuição, compartilhando experiências históricas de uma convivência harmoniosa com o meio ambiente.

O governo canadense tem ainda, enfatizado a importância dessas contribuições na área de desenvolvimento sustentado. Dessa forma, auxilia na ampliação do nível de conscientização de outros governos e de organizações não governamentais no que se refere ao conhecimento tradicional representado pelas culturas indígenas. A ICC, organização que reúne os povos Inuit do Círculo Polar Ártico, presidida pela líder canadense, Mary Simon, e a Assembléia das Primeiras Nações, representada pelo vice-chefe, Lawrence Coutereille, estão credenciadas como organizações não governamentais que participarão da Conferência.

A exposição "Masters of the Arctic Mestres do Ártico" (ler matéria nesse número) conta com o co-patrocinio do governo canadense. Dois painéis de discussão que estão sendo organizados pelo Governo dos Territórios do Noroeste do Canadá sobre gerência de recursos naturais renováveis e aplicação do conhecimento tradicional dos povos indígenas também contam com o apoio das autoridades.

O Fundo Andorinha Púrpura, financiador de projetos na área de meio ambiente, também criado no âmbito da UNCED 92. Com essa iniciativa o governo canadense colocou à disposição de instituições brasileiras, governamentais ou não, recursos para a elaboração de projetos de pequeno alcance nessa área. Foram analisados mais de 300 projetos dos quais 25 receberam aprovação e recursos do Fundo. Programas tão diversos quanto a preservação do mico-leão, ecologia social e direito ambiental, entre outros,

Milla Petriolo



## A MÚSICA QUE TRAZ DE VOLTA O ORGULHO

Jacques Hernau é um jovem índio montanhês e mora na reserva Grande Ours. Como seus companheiros, ele frequenta a escola da reserva onde vive. Lá ele tem aulas de inglês, francês e em língua Innu sobre os mais diversos temas. Ele estuda uma outra versão da história de seu país. O governo da província onde ele reside reescreveu os livros de história para refletir a participação das primeiras Nações (denominação dos povos indígenas do Canadá) na construção do país. A língua de seus antepassados continua viva em sua comunidade e começa extrapolar os limites de sua região. Quando chega em casa e liga o rádio, Jacques Hernay já não se sente mais tão estrangeiro no país onde vive. A música que ouve é orgulho de sua tribo e um sucesso nas paradas musicais de todo o país. Mas ele tem uma vantagem sobre os demais ouvintes. Jacques Hernay compreende a letra que acompanha uma melodia country-rock, do grupo Kashtin.

A integração da cultura dos povos indígenas na sociedade moderna canadense tem no grupo Kashtin um representante de vanguarda. A língua Innu, antes falada somente por membros de uma mesma comunidade indígena e estudiosos, foi harmoniosamente associada ao rock. Hoje ela frequenta salas de

concerto, está presente nos mais diversos programas de rádio e televisão exibidos no país e conquistou grande número de admiradores entre os canadenses que não entendem uma só palavra da língua Innu, falada pelo grupo de índios montanheses.

Consagrado pela crítica musical logo após o lançamento de seu primeiro trabalho, em 1989, o grupo Kashtin provou que para chegar ao sucesso não necessitava cantar em inglês ou francês, as duas línguas oficiais do país. Claude McKenzie e Florent Vollant insistem no direito de cantar na língua de seus sonhos, falada por seus pais e antepassados. Apesar de não pertencerem a grupos políticos, eles reconhecem a importância do trabalho que realizam para o reconhecimento e respeito cultural de seu povo.

Em língua Innu Kashtin significa "furacão". O nome se adequa ao movimento da dupla. Com mais de 200 mil cópias do primeiro trabalho vendido em todo o Canadá, e já com um segundo a venda no mercado do país, Kashtin é o exemplo vivo de que integração é algo possível sem a necessidade de abrir mão de seu mais valioso meio de identificação cultural: a língua de seus antepassados.

receberam apoio financeiro das autoridades canadenses.

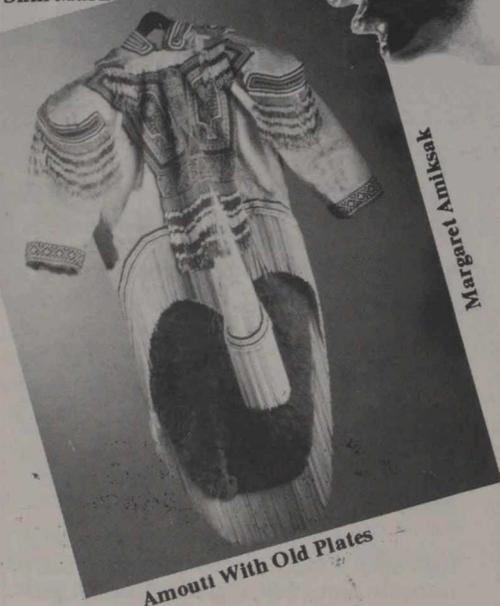
O projeto "Comitê Intertribal", que recentemente iniciou a construção de uma aldeia indígena no bairro de Jacarepaguá - a Kari Oca - no Rio de Janeiro, contou com a importante ajuda financeira do governo canadense. O local será

palco de duas conferências de destaque na programação alternativa do evento: a Conferência Internacional sobre a Terra, Meio Ambiente e Desenvolvimento, que contará com a presença de 200 indígenas brasileiros e 300 de outros países e o Parlamento da Terra, entre os dias 3 e 12 de junho.



Desconhecido

Skin Mask



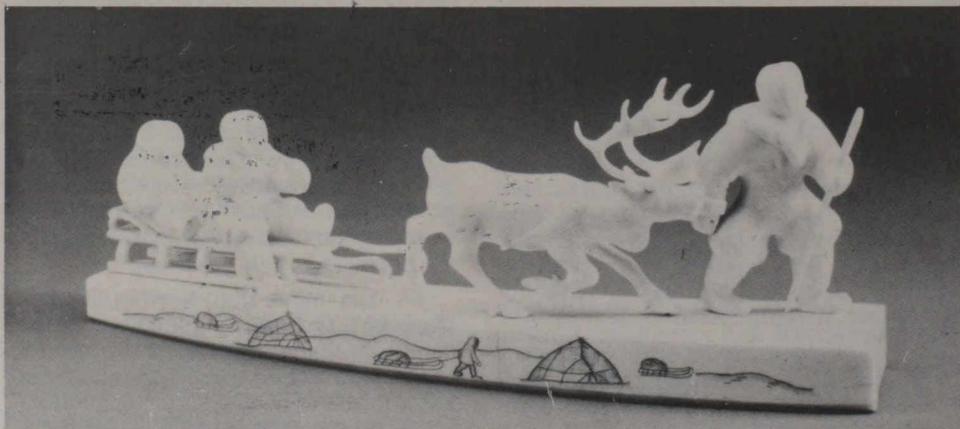
Margaret Anuruk

Amoutt With Old Plates



Nalenik Temela

Dancing to My Spirit



Seigutegin

Ivory Caribou Sled Team

## SEMINÁRIO EM MONTREAL

As comemorações dos quinhentos anos de descobrimento da América terão uma abordagem diferente com a realização de um seminário que está sendo organizado pela Universidade de Montreal. "Le Cinq Centieme Anniversaire de La Rencontre entre L' Ancien et le Nouveau Monde - 500 anos de Encontro entre o Velho e o Novo Mundo" vão levar a visão indígena para o debate. Descobertos, colonizados e aculturados ao longo da História,

povos indígenas de todo o mundo terão uma oportunidade única de externar seus pontos de vista. Dois índios Kaiapós, Turia e Pangrá, foram convidados a participar do encontro. Eles não falam português e serão acompanhados pelo antropólogo norte-americano Terence Turner. Será uma oportunidade única dos índios brasileiros explicarem seus sentimentos sobre uma História da qual estiveram, quase sempre, a reboque.

## INUIT: QUANDO A ARTE IMITA A VIDA POLAR

O Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro estará abrigando, a partir de 04 de junho próximo, mais do que um simples evento cultural dentro da programação da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. A exposição "Masters of the Arctic - Mestres do Ártico" trará ao Brasil um dos mais belos acervos de obras de arte, premiado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1989 durante as comemorações do Dia Internacional do Meio Ambiente. Todo esse trabalho é realizado pelos Inuit, população que habita uma das regiões mais inóspitas do globo terrestre, o círculo polar ártico. Mais do que representar cenas do cotidiano desse povo, que é canadense, russo (Sibéria), americano (Alaska) e da Groenlândia, as obras são exemplos da profunda ligação entre o homem e seu meio ambiente.

"Nossa terra é nossa alma", dizem os Inuit para justificar o fato de suas obras serem, antes de tudo, um retrato de seu povo e do meio no qual vivem. O material utilizado na confecção de esculturas são um exemplo dessa integração. O basalto, a serpentina, a pedra-sabão são minuciosamente trabalhados numa clara constatação de que a arte imita a vida. Materiais reutilizados do aproveitamento de restos de caças, como chifres de caribu, ossos de baleia e marfim das presas de elefantes marinhos compõem as obras. A terra do ártico e todos os seres vivos que dela compartilham são temas de inspiração para os Inuit além de fonte de conhecimento, de sabedoria, de espírito e do passado desse povo.

Entre as principais atrações desse trabalho dos Inuit haverá uma grande novidade. Um índio brasileiro e um artista Inuit deverão realizar, a quatro mãos, algumas obras a serem apresentadas durante a exposição. Além de integrar as duas culturas, através de suas respectivas manifestações artísticas, o encontro entre os dois indígenas terá um grande beneficiado: o acervo do "Masters of the Arctic" do qual esse trabalhos passarão a fazer parte.